

SILABAÇÃO NAS CARTILHAS, NAS ATIVIDADES E NA PRÁTICA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA

Zeneide Paiva Pereira Vieira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
zeneide.paiva@gmail.com

Cláudio Eduardo Félix dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
cefelix2@gmail.com

Resumo: O texto que ora submetemos a apresentação no Gepráxis resulta de uma pesquisa de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória; Linguagem e Sociedade. O referido trabalho objetivou analisar cartilhas utilizadas ao longo da história da alfabetização brasileira mostrando que muito da estruturação lingüística e, especificamente a estruturação silábica, tem sido eixo norteador na elaboração de manuais que foram sendo editados ao longo dos séculos. Mesmo com os estudos e as pesquisas sobre o construtivismo na década de 1980/1990 e a grande campanha para o não-uso da cartilha como recurso norteador e da silabação como o processo de alfabetização, os professores continuaram tendo a estruturação silábica difundida nesse referencial como parâmetro para selecionar e preparar o seu trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Alfabetização. Cartilha. Memória.

Introdução

A história da alfabetização no Brasil, analisada pela mediação das cartilhas, caracteriza-se como um movimento complexo marcado por recorrência discursiva de mudança indicativa da tensão entre permanências e rupturas, diretamente relacionadas a disputas pela hegemonia de projetos políticos e educacionais e de busca de sentidos modernos para a alfabetização. Nesse embate, as cartilhas foram bastante utilizadas como instrumentos de concretização dos métodos e conteúdos de ensino tomados como sinalizadores da proposta oficial a ser adotada nas escolas brasileiras.

Desde o século XVI com a Cartinha de João de Barros, a cartilha, livro didático destinado a alfabetizar, encerra o método de ensino adotado pelo professor alfabetizador. No decorrer dos

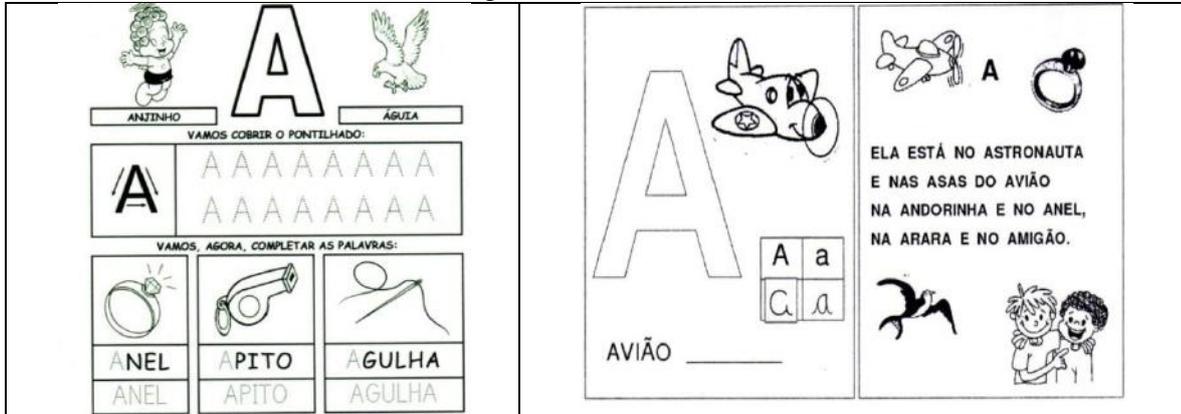
séculos subsequentes, cada política educacional implementada trazia novas diretrizes para o processo de ensino e dessa orientação oficial acabava sendo construída uma nova cartilha para divulgar o novo método, porém, pelo que analisamos, em nossa pesquisa, muitas dessas estruturas foram permanecendo no novo livro adotado pelo professor alfabetizador. Vimos ainda, por depoimentos de professores, em trabalhos que relatam situações de ensino e uso desses materiais, que estes, muitas vezes, não utilizavam o novo livro; continuavam a colocar em prática, o modelo de ensino de velho livro cujo método havia sido desoficializado, mas permanecia vivo na sua memória de professor alfabetizador. A adoção de um novo livro não impedia que o professor lançasse mão de um saber instituído e “memorizado” pelo uso de uma “velha” cartilha.

Neste texto, tomando como base a nossa hipótese de que a cartilha, com sua estruturação silábica, continuou sendo utilizada como norteadora da ação de alfabetizar, serão elencadas atividades utilizadas em classe de alfabetização, neste novo século, especificamente no ano de 2016, ressaltando que não é minha intenção discutir a validade ou mesmo tecer considerações sobre o uso de uma ou outra atividade. As atividades aqui apresentadas constituem apenas uma pequena amostra, sem a intenção de fazer grandes generalizações acerca do trabalho docente em relação aos processos de aquisição da linguagem escrita. Objetiva-se ilustrar, com as atividades desenvolvidas por professores alfabetizadores, de diferentes escolas públicas, alunos de um curso de pedagogia, como permanecem internalizadas e, na memória social da alfabetização, digamos assim, as clássicas formas de ensinar a ler e escrever.

Atividades escolares revelando uma memória alfabetizadora

Das atividades coletadas no contexto atual, o processo de alfabetização inicia-se com o ensino das vogais. Estas são destacadas e ensinadas uma por vez nos formatos imprensa e cursiva maiúsculas e minúsculas, através de atividades de “cobrir pontilhado”, de associação à gravura cujo nome inicia-se com a referida vogal e de quadrinhas enfatizando palavras iniciadas com a vogal, conforme se vê no exemplo da vogal A:

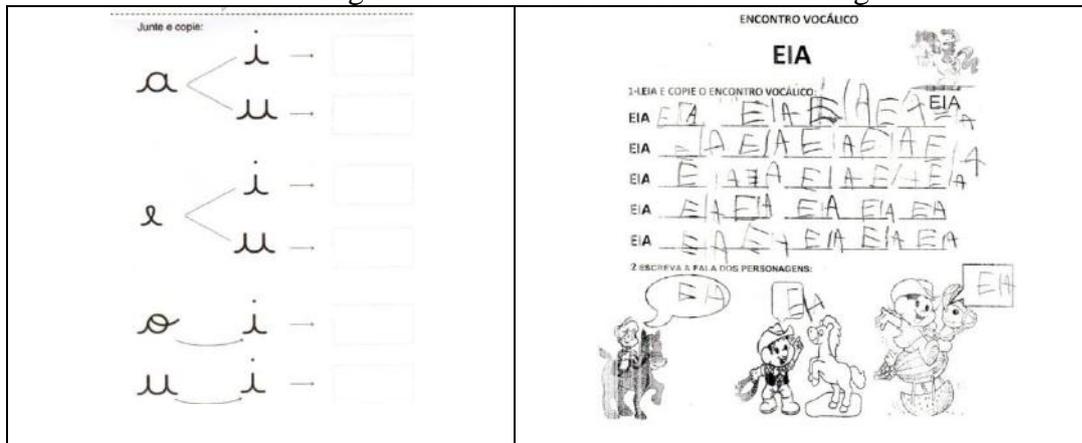
Figura 1: Atividades com a letra A



Fonte: Atividades utilizadas por professor alfabetizador – Ano 2016

Após o aprendizado de todas as vogais, o aluno faz a junção destas, em sílabas ditongadas com duas e três letras. Vejamos:

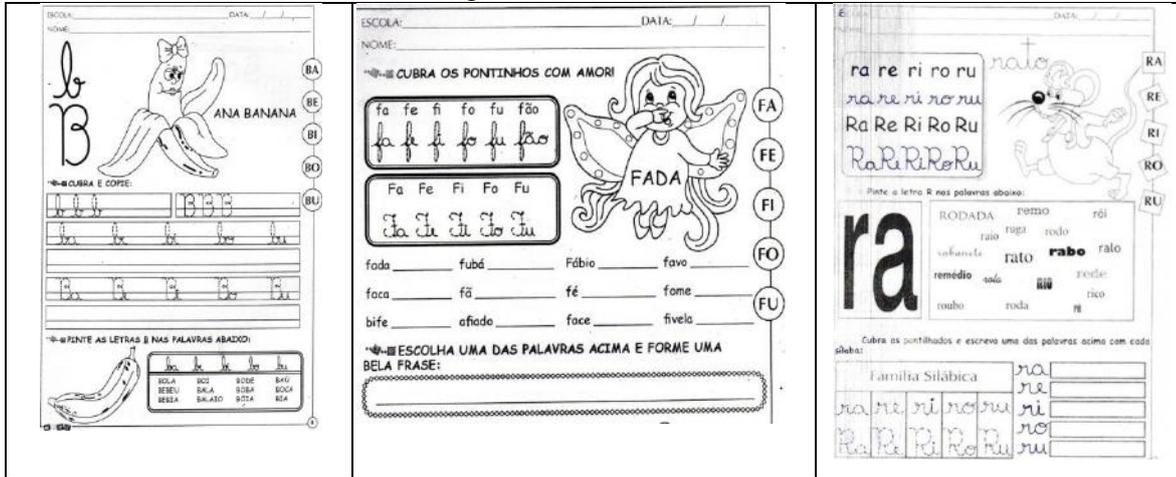
Figura 2: Atividades com as sílabas ditongadas



Fonte: Atividades utilizadas por professor alfabetizador – Ano 2016

A próxima etapa do ensino são as consoantes, também uma de cada vez, partindo das mais simples como o B, F, etc. para as mais complexas, a exemplo do R. Todas elas são aprendidas na forma cursiva e imprensa maiúscula e minúscula, em sílabas que serão lidas, reconhecidas e escritas em palavras e sentenças.

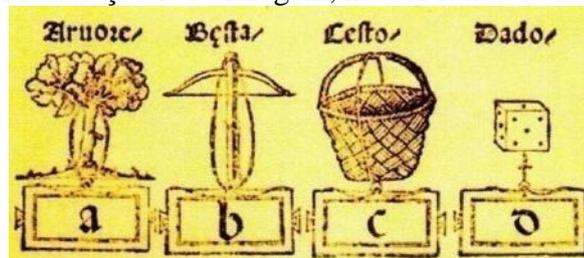
Figura 3: Atividades com as consoantes



Fonte: Atividades utilizadas por professor alfabetizador – Ano 2016

Essa bipartição vogal e consoante apresenta-se desde o século XVI com a Cartinha de João de Barros. Esta trazia, na 1ª lição, todas as letras em ordem alfabética associando-as à gravura e palavra-chave para que desse modo o aluno pudesse “memorizar” e reconhecer mais facilmente cada uma dessas letras.

Figura 4 - Associação letra-imagem, na Cartinha de João de Barros



Fonte: ARAUJO (2008, p.83)

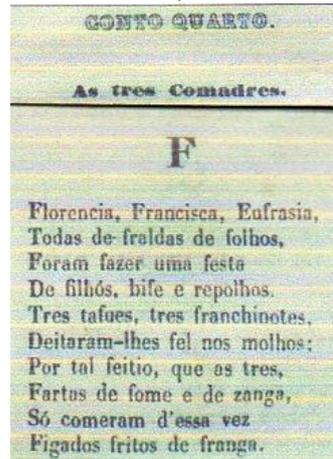
Essa bipartição vai ser explicada por João de Deus, na Cartilha Maternal, quando o autor (DEUS, 1878, p.12) argumenta que primeiro deve-se aprender as vogais porque sem ela é impossível escrever.

Como as vogais representam as vozes, e sem voz não há palavra falada, também, sem vogal, não pode haver palavra escrita. E havendo palavras que constam só vozes e, portanto, que se escrevem só com vogais, basta conhecer as vogais para

se poderem ler algumas palavras. [...] Ensinemos por ora essas vogaes pelos seus nomes (á, é, í, ó, ú), que são também muitas vozes ou seus valores.

O uso de quadrinhas, como a que se vê associada à vogal A, relacionamos ao uso da ludicidade que já se vê em Castilho no Século XVIII, que também utilizou-se desse recurso para ensinar as letras do alfabeto:

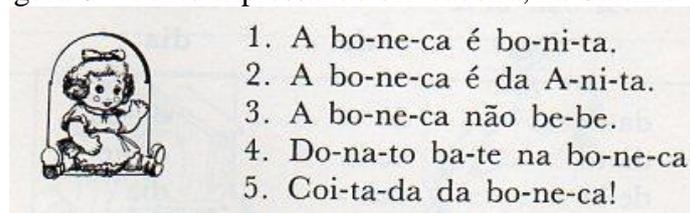
Figura 5- Atividade com Letras, no ALP e no Método Castilho



Fonte: Castilho, 1853, p. 219

A utilização de gravuras que já se encontrava em João de Barros e perpassa por quase todas as cartilhas analisadas, permanece memorada na Cartilha do Povo que intensifica o uso deste recurso trazendo figuras de objetos familiares e próprios das brincadeiras e do universo infantil.

Figura 6 – Texto expressando brincadeira, na Cartilha do Povo

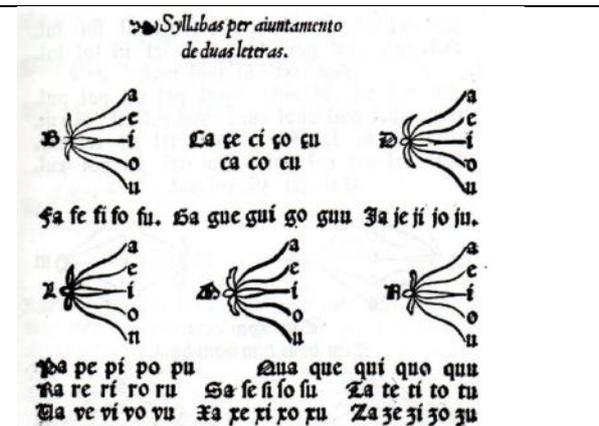
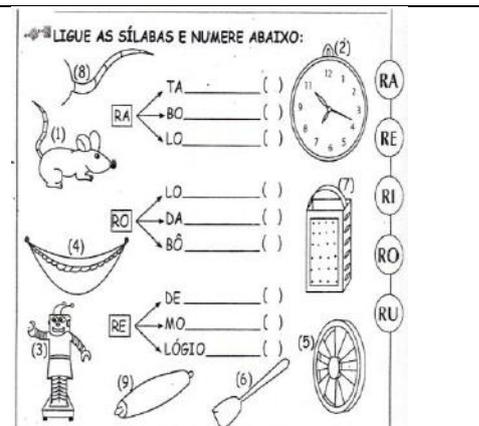


Fonte: Lourenço Filho, 1928, p. 10

Nessas atividades, vamos observando a permanência de formas de ensinar e de aprender que entrelaçam culturas herdadas dos professores, das cartilhas e dos métodos de ensino implementados pelos discurso oficial. Este não se constituiu, ao longo da história, garantia para que, na prática escolar, o método institucionalizado fosse adotado pelos professores, conforme se

lê em Castanho (2013, p. 06) que nos informa que “mesmo com a desoficialização do método jesuítico, este continuou por muito tempo nas escolas brasileiras” e, se bem observamos, até hoje, seis séculos depois, “modelo” de exercício semelhante ao já utilizado na Cartinha de João de Barros, ainda, tem sido (re)tomado por professores alfabetizadores nos tempos atuais. Observemos mais este exemplo:

Figura 7 – Atividades do século XVI e atividade atual

Cartinha de João de Barros – Ano 1539	Atividade Atual – Ano 2016
 <p style="text-align: center;"><i>Syllabas per aiuntamento de duas letras.</i></p> <p style="text-align: center;">La ce ci co cu ca co cu</p> <p style="text-align: center;">fa fe fi fo fu. Sa se si so su. Za ze zi zo zu.</p> <p style="text-align: center;">pa pe pí po pu. Sa se si so su. Za ze zi zo zu.</p> <p style="text-align: center;">ra re rí ro ru. Sa se si so su. Za ze zi zo zu.</p> <p style="text-align: center;">ta te tí to tu. Sa se si so su. Za ze zi zo zu.</p>	 <p style="text-align: center;">LIGUE AS SÍLABAS E NUMERE ABAIXO:</p> <p style="text-align: center;">(8) RA → TA () BO () LO ()</p> <p style="text-align: center;">(1) RO → LO () DA () BÔ ()</p> <p style="text-align: center;">(4) RE → DE () MO () LÓGIO ()</p> <p style="text-align: center;">(9) (6) (5)</p> <p style="text-align: center;">RA RE RI RO RU</p>

Fonte: ARAUJO (2008, p. 125) e Atividade xerocada (2016)

Esse é um modelo de atividade que, mesmo resignificado, nos revela uma tradição herdada; o longo caminho de uma determinada forma de ensinar que permaneceu viva em diferentes tempos e lugares. Já na 2ª lição da Cartinha, João de Barros estabelecia a ligação consoante + vogal para a formação de sílabas com duas, três e quatro letras, utilizando-se, inicialmente, de linhas na forma de ramificação da “flor-de-lis” (conforme ilustração acima), evoluindo-se para chaves e linhas simplificadas em edições posteriores. Excetuando-se as linhas esse mesmo processo de ensino, via sílaba em destaque, vai ser “rememorado” na Cartinha do ABC e em outras cartilhas analisadas, a saber: em Castilho, quando do momento de ensino, a aula específica com os alunos, as sílabas são pronunciadas pausadamente destacando, com o bater de palmas, a sílaba tônica. Esse mesmo destaque reaparece em Cartilha Maternal com o uso das cores cinza para destacar a sílaba correspondente à consoante dada; suprime-se, desse modo, o hífen utilizado para separação das sílabas na Cartinha do ABC. Na Cartilha Nacional, o autor retoma o mesmo

procedimento utilizado por João de Deus na Cartilha Maternal, trocando apenas a cor cinza para o vermelho. Esse destaque, seja por hífen ou cores, possibilita pela visão dos autores a fácil memorização da sílaba e da consoante, objeto de ensino. Mais adiante, em Cartilha da Infância, o autor traz à lembrança o hífen já utilizado na Cartilha do ABC para destacar as sílabas e, mais que isso, para “reviver” e enfatizar a soletração. Nos anos de 1940, o hífen como marca de delimitação da sílaba na palavra é assumido na Cartilha do Povo. Nas cartilhas utilizadas durante o século XX, a família silábica a ser ensinada aparece em destaque na cor vermelha na cartilha Caminho Suave.

A apresentação de sílabas formadas apenas com as vogais, os denominados ditongos estão presentes desde a Cartilha de João de Barros. Neste manual e na Cartilha do ABC, considerando que se ensinava todas as letras em ordem alfabética, esses encontros vocálicos formavam sílabas com as consoantes, obedecendo também a ordem do alfabeto, ex: **Ai, Bai, Cai, Daí... Zai;Ei, Bei, Cei, Dei ... Zeiaté o Ui ...Zui**. Esse mesmo procedimento é rememorado por Lourenço Filho, na década de 1940, na Cartilha do Povo, pois ao apresentar a família silábica constituída de consoante + vogal, no final junta, também, essa consoante com o ditongo formando uma palavra com sentido, o que a diferencia das Cartilhas mais antigas. Essa mesma junção das vogais permanece nas cartilhas utilizadas no século XX, e ainda se constitui como atividade “rememorada” pelos professores nas escolas atuais quando após as vogais ensina-se aos alunos a escreverem os encontros vocálicos com duas e até três letras a exemplo de “**eu**” e “**eia**”.

Sílabas: estrutura de ensino que permanece na prática do professor alfabetizador

Hoje, em pleno século XXI temos em nossas escolas uma técnica de ensinar a ler escrever que se assemelha muito a uma forma difundida na cartilha utilizada pelos jesuítas no século XVI. Conforme nos assegura Almeida (2009, p 237) os próprios jesuítas também escoravam suas práticas “nas tradições seculares ou quiçá até clássicas”, na “herança clássica dos gregos – a memorização, o repetir, o decorar, guardar de cor”.

Do mesmo modo que o ensino jesuítico apresenta vestígios dessas heranças incorporadas, ou melhor, memorizadas, o método lancasteriano propunha substituir o método individualizado, as

aulas em ambientes domésticos por uma outra configuração educativa. No entanto, diante dos obstáculos, conforme bem nos esclarece (Almeida, 2009, p. 256):

... a alternativa foi buscar uma forma de ensinar que se adaptasse à realidade das escolas brasileiras, sejam públicas ou particulares, que funcionavam e espaços improvisados e com *os professores aplicando muito mais as experiências repassadas por outros mestres e incorporadas às suas práticas*¹ do que pautadas por conhecimentos teóricos ou uma formação específica.

Na década de 1990, os professores sofrem mais uma vez certo tipo de pressão: são convidados a esquecer o que aprenderam e até mesmo o que vinham fazendo até a década anterior. O currículo oficial e, especificamente aquele difundido pelos PCNs e pela promulgação da lei 9394/96, determina que se rompam com as cartilhas e com os métodos até então suportes indispensáveis para a alfabetização. Desde as universidades até os espaços escolares são inúmeros os cursos de formação que discutem a necessidade de desaprender práticas sedimentadas mas, na prática, como vimos nas atividades registradas acima, o que se vê é a manifestação do já aprendido e instituído nos antigos manuais de alfabetização: as cartilhas, que mesmo deixando de ser adotadas, se materializam como objeto de memória; são rememoradas nas diversas tarefas xerocadas que os professores elegem para o seu trabalho pedagógico.

Essas tarefas fotocopiadas trazem à baila a memória dos professores retratada na sua forma de ensinar, isto é, em atividades utilizadas na sua prática educativa, em lembranças guardadas no inconsciente sob forma de imagens, que evocadas pelo sujeito são trazidas à sua realidade. Essa constatação nos revela, ainda, que estas atividades estão presentes em muitas das cartilhas que se fizeram presentes na trajetória educativa de pessoas, inclusive de professores, que, em diferentes épocas, destacam a sílaba e a cartilha como elementos importantes na sua formação e/ou atuação na escola. Observemos o que dizem professores que atuam, nesse momento, em sala de aula:

... eu fui alfabetizado no sítio e fui alfabetizado por professores leigos que deram conta do recado já que a turma era multisseriada e a silabação e o tradicional era o único método usado. ... Naquela época eu entrei no ABC e pra professora ter certeza que nós alunos não tínhamos decorado o alfabeto ela usava uma técnica

¹ Grifo nosso

em usar um papelzinho com um buraco no meio onde só aparecia a letra se o aluno falasse é porque tinha aprendido, quando comprovava que o aluno aprendeu o alfabeto ele passava pra cartilha... (Professor 1)

... me lembro quando fui alfabetizado [...] A sala de aula era a própria casa do professor (casa de enchimento), eu iniciante já com 10 anos de idade e colegas de alunos entre 6 e 21 anos de idade, ao dar conta do ABC em duas semanas eu conheci a cartilha Renato e Cecília cheguei a pensar que o nome da cartilha teria que estar relacionado ao nome do aluno, pois o meu nome também era Renato. (Professor 2)

Eu aprendi a ler em casa com meus familiares e brincando com os vizinhos. Próximo a minha casa tinha uma pessoa que ensinava em sua residência, uma professora leiga, que no período da tarde nos ensinava o “ABC” e depois uma cartilha que líamos e revisávamos. [...] Na minha casa e nessa escolinha particular, o processo era aprender o alfabeto, depois as famílias silábicas e depois ler palavras, frases e por fim textos. Era o Método Sintético e seus desdobramentos, alfabético, silábico, fônico. (Professor 3)

Ao analisar os depoimentos acima pudemos perceber que, no instante em que narra sua trajetória de alfabetizando, cada um desses depoentes vai trazendo, para o presente, lembranças de espaços e lugares; de professores, métodos e materiais que marcaram o aprendizado da leitura e da escrita. Ao serem questionados sobre *como* aprenderam a ler, eles trazem do passado lembranças do ambiente físico, do professor, dos recursos pedagógicos; memórias que se fazem presentes no sujeito de hoje por meio de um esforço de elaboração. Destacamos que são falas de professores que estão atuando em classes alfabetizadoras na atualidade e que, como imaginávamos, revivem e defendem esse aprendizado no seu fazer pedagógico. É a memória ultrapassando a mera capacidade de lembrar fatos passados para reconstituí-los com os olhos do presente como bem esclarece Bosi (1993, p. 55) “na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

O nosso primeiro depoente cursou o Magistério, é concluinte do curso de Pedagogia e atua como professor alfabetizador que lança mão da sua memória para utilizar-se de um recurso, para ele, essencial para o ensino da leitura e da escrita: as sílabas. Acredita tanto nesse jeito de alfabetizar que ao ser solicitado para auxiliar o professor do seu filho, não hesita e confiando que a melhor forma de alfabetizar seja partindo da silabação, destaca:

Eu tenho como melhor exemplo meu filho, em 2014 ele estava no 2º ano e tinha 7 anos de idade, ele não estava se desenvolvendo na leitura, ou seja não estava acompanhando alguns coleguinhas, então a professora me chamou na escola me contou e pediu ajuda. Eu comecei a estudar as sílabas toda noite com ele, de início as sílabas simples, depois que ele aprendeu passei para as sílabas complexas em questões de dias ele estava lendo. É muito difícil para uma criança aprender a ler sem aprender as sílabas, como é que um aluno vai falar a palavra BALA se ele não conhece a sílaba BA e LA? Ou vai falar a palavra CRENTE se ele não conhece a sílaba CREN? Quando ele aprende todas sílabas fica fácil formar a palavra. (Professor 1)

A professora, nossa segunda depoente, tem formação de pedagogia com experiência vasta em sala de aula e, especificamente na classe de alfabetização. A sua experiência lhe permite assegurar que o uso da cartilha e da proposta didática por ela apresentada possibilita a aquisição eficiente e rápida da leitura e da escrita:

Existem muitas maneiras de alfabetizar e cada uma delas tem pontos fortes e fracos, mas o que determina a aprendizagem é o desejo do aprendente e a sensibilidade do ensinante que descobre o que funciona melhor com cada turma. [...] Eu já alfabetizei adotando os mais variados processos e me encanta a descoberta da leitura, já usei “Casinha Feliz”, “Miloca”, Teleco e Popoca, “Ficha Esquema” que parte da palavra, trabalha as famílias silábicas e a construção de novas palavras a partir das sílabas estudadas, Linguagem Total, entre outros, por decisão própria ou exigência da escola na qual estava atuando e sempre obtive resultados satisfatórios, acho que o método é apenas uma organização didática para atingir um fim, a aquisição da leitura e da escrita. (Professor 3)

Do mesmo modo que o primeiro informante, esta professora resgata, também, de sua memória e traz para o seu contexto familiar o uso da cartilha como objeto/recurso utilizado para ensinar os seus filhos; as frases, as palavras, as sílabas, a sequência didática da cartilha são as referências da posição de alunos que foram e da posição que hoje ocupam como professores alfabetizadores e como pais que acompanham e auxiliam no aprendizado dos seus filhos, vejamos:

Também alfabetizei meus três filhos, a primeira, em menos de dois meses, em casa. Eu estava de resguardo e utilizando uma cartilha tradicional para fazer a sequência didática e os exercícios, num período de no máximo uma hora e meia por tarde eu a ensinei a ler. O segundo dentro de uma proposta sociointeracionista com o método da linguagem total numa escola particular, e a terceira por meio do processo construtivista, na Escola Infantil SESC. (Professor 3)

Sendo questionada sobre a eficácia da silabação a professora afirma que “sempre que usei os resultados foram satisfatórios”. Acredita que o uso das famílias silábicas “dentro do processo analítico da palavração, por meio da ficha esquema funciona e dá excelentes resultados. É simples e fácil”.

Quanto ao nosso terceiro depoente, como ele mesmo relata, na condição de professor leigo em meio rural, diante da precária condição e até mesmo pela falta de formação específica para o ensino e certa insegurança, recorre à memória e traz para a sua prática uma metodologia de ensino utilizada pelo seu professor há algum tempo atrás:

No início da minha carreira ainda leigo, em turma multisseriada, por volta da década de 90, trabalhava com alfabetização totalmente com o método tradicional, pois nesse período o professor de escola do campo principalmente no interior (meu caso) não contávamos com recursos pedagógicos a não ser o aluno, um lápis e um caderno. O professor escrevia as vinte e três letras apenas no caderno do aluno e fazia a leitura do mesmo repetidamente ao longo de duas ou três semanas aí começava a utilizar um papel com um buraco no centro, onde só aparecia a letra que seria interrogada pelo aluno, as demais ficariam cobertas pelo papel, o aluno que tinha facilidade em aprendizagem em duas ou três semanas daria conta desta atividade quanto os outros permanecia de molho. Os que davam conta desta atividade de conhecer as letras iniciava uma nova etapa de vogais e consoantes, em seguida o (formar família) do antigo B com BA seqüencialmente até o Z com o Za conseqüentemente. A partir desse treinamento começaria a juntar as sílabas e formar as primeiras palavras, frases e pequenos textos criados pelo professor ...não tinha acesso a cartilha. Alguns alunos que os pais tinham condições de comprar utilizariam o ABC. (Professor 3)

Contudo, hoje concluindo a curso de pedagogia tem a seguinte opinião:

não acho a silabação o melhor método, mas acredito ser um caminho menos complexo para que o aluno possa compreender o processo de transição da linguagem escrita, porém é preciso que seja trabalhado aliado a atividades que

tenha sentido e que desperte o interesse do aluno pela leitura e escrita. (Professor 2)

Letras, “papelzinho com buraco no meio”, sílabas, ABC, cartilha, todos esses recursos permanecem vivos na memória individual e, conseqüentemente, na memória coletiva dos professores alfabetizadores; cada um lembrou-se de fatos e situações que foram significativos no seu processo de aprendizagem da leitura, outros, certamente, foram esquecidos porque como nos adverte Pollak (1992, p.4) a memória é “um fenômeno construído, sendo seletiva; nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado”, mas é inegável que, no caso desses professores, aqueles mais significativos são rememorados no exercício da profissão de professor alfabetizador. Eles, movidos por sentimentos e afetos, resgatam, das experiências de aluno, traços de uma ação educativa que, pelo que podemos ir desvendando do nosso estudo, se tornou “clássica” na cultura da alfabetização.

Ao examinar cada um desses depoimentos observamos que as marcas da individualidade de cada depoente, isto é, os métodos e recursos utilizados para aprender/ensinar a ler parece constituir marcas de indivíduos que pertencem a um determinado grupo, nesse caso de um grupo de pessoas que exercem a profissão de professor e que ao exercê-la lançam mão de fragmento de uma memória coletiva. Seus relatos retratam experiências de situações e ações que ficaram registradas na memória de cada um; traduzem significados e condições socialmente determinadas que se imbricam e possibilitam delinear uma história que é pessoal e, dialeticamente, coletiva. Nesse sentido, podemos nos remeter a Halbwachs (2003, p. 53) para quem a memória coletiva se refere a uma identidade coletiva que explica uma experiência e um passado vivido por participantes de um mesmo grupo. Nesta passagem pode-se compreender melhor a diferença entre memória individual e coletiva que o autor comenta:

Se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. A memória coletiva por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

Explicitando melhor, reafirmamos que cada memória individual tende a ser voluntariamente fragmentos da memória coletiva. O indivíduo carrega consigo a lembrança do que viveu e do que foi significativo no espaço escolar quando criança; seu trabalho docente hoje, se organiza pautado nesses valores e crenças do que seja necessário para ensinar ao seu aluno.

A memória é, então, o passado se encontrando no presente, e o espaço é fundamental para isto, pois as recordações serão sempre vivas ao deparar-se com ele. No caso específico dessa pesquisa, importante ressaltar que quando da apresentação do projeto eu já hipotetizava tal fato pois o que observava, nas minhas andanças pelas escolas, é que mesmo tendo exercido boas e sustentáveis críticas ao “método tradicional”, ao se encontrar no espaço “escola” os indivíduos, agora, na posição de professores, assumiam uma postura de antigos professores bastante criticados no espaço da universidade.

O uso da cartilha ou de atividades dela fotocopiadas pode ser rememorado em diferentes trabalhos revisitados, a exemplo de PERES (2003) e de Almeida (2009). Trago-os aqui para confirmar a minha tese de que a silabação e a cartilha se constituem como marcas constituidoras de uma identidade de formação do leitor brasileiro, portanto algo que se inscreve na memória de muitos que passaram pela escola em diferentes tempos históricos.

No estudo de Almeida (2009), -tese de doutorado *Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944)*- vimos, claramente, que professores ao ser indagados sobre sua prática reportam à forma de seu aprendizado e reapresentam quando discorrem sobre a sua atuação como alfabetizador. Vejamos o que a autora nos relata sobre o depoimento de um entrevistado quando aluno e quando professor nos idos de 1939-40:

[...] Havia também uma cartilha de Thomaz Galhardo que utilizou o Método de silabação. O aluno familiarizava com as sílabas, começadas com a letra “v”, que se ia juntando as vogais: vaca, vejo, viva, vovó. Assim, o aluno ia se familiarizando também com as consoantes, as vogais e os ditongos. [...]
Eu, quando lecionei, havia alunos que iam começar do zero, não conheciam letras e eu preferi esse método, que eu aprendi, era o da silabação.(ALMEIDA, 2009, p. 227-228)Entrevista, 2008)

Esse depoimento nos remete ao fato de que em 1940 o panorama educativo e alfabetizador tinha como base orientadora os postulados da Escola Nova; oficialmente esse era o princípio

educativo. No entanto, na prática, o professor se assegurava nas suas lembranças de aprendiz. Do mesmo modo observamos que professores como os nossos depoentes Professor 1, Professor 2, Professor 3, que tiveram formação e ainda estudam, nesse momento, postulados teóricos que combatem a mecanicidade das cartilhas e da silabação se apropriam voluntariamente das suas lembranças; mesclam ambas as experiências – de aprendiz e de mestre - o que, no dizer de Ricouer (2004, p. 504) produz: “memória feliz, memória reconciliada, memória apaziguada”. E ainda, como nos retrata Kenski (1994), em todas estas rememorações, as lembranças estão relacionadas à emoção e a um percurso de vida que constitui a história de cada um.

Ao solicitarmos que os depoentes relatem sobre o início da sua alfabetização, as diferentes histórias tecem um referencial que de imediato nos transporta para a ambientação de um contexto escolar da sociedade brasileira de uma memória que, segundo Nora, (1981, p.9) “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, portanto, na cartilha tomada aqui como objeto de memória.

Considerações Finais

Pelo que analisa nesse estudo, o ensino da leitura e da escrita, desde que se instituiu as primeiras casas de be-a-bá tem sido alvo de embates e discussões acerca de qual o método mais (ou menos) apropriado para se ensinar ou se aprender a ler e escrever; qual o mais moderno que chega para destituir o antigo. Evidente que esse estudos contribuíram para o fazer e o reinventar dos diferentes métodos e recursos utilizados pelos professores alfabetizadores ao longo da história da educação, porém o que se verifica pela análise das cartilhas tomadas como exemplares ilustrativos dos séculos XVI até o século XX é que por mais que se tenham (re)elaborados os métodos, os livros usados como propagadores dos “novos” não conseguiram se desvencilhar de um “modelo”, ou seja, de uma estrutura que aqui defendo ficou viva na memória daqueles que se constituíram como autores de novos livros. Na essência, o que vemos é que cada nova cartilha traz sempre ecos de uma tradição que ficou marcada na memória de quem um dia utilizou-se desse referencial na sua construção de leitor-autor ou professor alfabetizador.

Bibliografia:

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **Educação e Memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1940)**. Tese de Doutorado, Um. de Brasília. Brasília-DF, 2009

ARAÚJO, Gabriel Antunes de. Apresentação. In: BARROS, João de. **Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Humanitas/Paulistana, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia. **Introdução a uma história da Didática no Brasil**. Texto xerografado disponibilizado em aula no 2º semestre de 2013

CASTILHO, António Feliciano de, **Metodo Castilho para o ensino rápido e aprasível do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever**. 2. Ed. Lisboa: Impr. Nacional, 1853. Disponível em: [© Biblioteca Nacional Digital - ContentE v.4.1 - 2013-03-28T16:30:44http://purl.pt/185/5/P190.html](http://purl.pt/185/5/P190.html)

DEUS, João de. **Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**. Publicada por Candido J. A. de Madureira, Abade de Arcozello. 3ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878. Disponível em: Biblioteca Nacional de Portugal; <http://purl.pt/145>

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e Ensino. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº. 90, agosto, 1994.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC-SP. Editora da PUC, 1993. P. 7-28, 1981

PERES, Eliane; TAMBARA, Eliomar (orgs). **Livros Escolares e ensino a leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)**. Pelotas: Seiva, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p 200-212.

RICOEUR, Paul. **A memória, história, o esquecimento**. Tradução de Alain François ET AL. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.